

SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA DESIGNAÇÃO “FERDINAND DE SAUSSURE” NO CENÁRIO BRASILEIRO

Marco Antonio Almeida Ruiz¹

Resumo: Neste artigo serão compreendidos como *acontecimentos* as enunciações produzidas nos manuais de linguística brasileiros que trazem o nome “Ferdinand de Saussure” e sua importância no campo da Linguística. Pretende-se analisar como os enunciados que abordam estes acontecimentos e que, são apreendidos no arquivo produzindo diferentes efeitos de sentido, retomam um memorável e apontam para a “verdade” de uma época. Para realizar tal empreitada, serão considerados os discursos produzidos nesses materiais e, ainda, o que está cristalizado no meio científico sobre a figura de Saussure e suas teorizações. Do ponto de vista teórico-metodológico, nosso trabalho propõe mostrar que há diferentes designações que retomam a figura do mestre genebrino e que cada uma delas, de acordo com o material a ser empregado, adquire um dado efeito de sentido, seja ele, positivo ou negativo, eufórico ou disfórico. Ancoramos nosso trabalho na noção de semântica do acontecimento de Eduardo Guimarães (2005).

Palavras-chaves: Ferdinand de Saussure, semântica do acontecimento, enunciação, *forma-expressão*, designação.

Abstract: In this article shall be understood as events some enunciations that they are produced in Brazilian language manuals that bear the name "Ferdinand de Saussure" and its importance in the field of linguistics. Intend to analyze how the statements that address these events and that are seized in the file producing different effects of meaning, resume a memorable one and point to the "truth" of a time. To accomplish such an undertaking will be considered the discourses produced in these materials, and also what is crystallized in scientific circles on the figure of Saussure and his theories. From the standpoint of theoretical, methodological, our work proposes to show that there are different designations which reproduce the figure of the Genevan master and each of them, according to the material to be used, acquired a given meaning effect, be it positive or negative, euphoric or dysphoric. We anchor our work on the notion of semantic event Eduardo Guimarães (2005).

Keywords: Ferdinand de Saussure, the semantic event, enunciation, *form-expression*, assignment.

¹ Bacharel em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos; atualmente, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma Instituição sob a supervisão do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas e bolsista Capes.

Considerações iniciais

Sabemos que Saussure é conhecido – e reconhecido – pela edição que o tornou célebre no campo das Ciências da Linguagem, o *Curso de Linguística Geral* (doravante, vez ou outra CLG ou Curso). Foi um grande estudioso e que durante sua vida acadêmica dedicou-se ao ensino das línguas indo-europeias antigas, um campo que para a época era considerado de máxima autoridade. Suas reflexões acerca da natureza de estudos da língua e de que tipo de ciência a linguística deveria ser ou se tornar eram discutidos num círculo restrito de amigos e estudiosos da área.

Saussure nasceu em Genebra, estudou linguística histórica em Lípsia, Berlim e Paris. Durante alguns anos, ministrou aulas em universidades de Paris e Genebra e com suas poucas contribuições escritas, fragmentadas em pequenos textos, colaborou definitivamente para o que vinha a se tornar a Linguística enquanto ciência. Por suas famosas contribuições à linguística moderna, ficou conhecida a obra fundante desse “novo” campo científico, o CLG. Segundo Silveira (2007),

O efeito do CLG foi tão forte nos seus primeiros anos que a edição não foi colocada em xeque; as questões que o livro coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a linguística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto (SILVEIRA, 2007, p. 20).

Na primeira metade do século XX, o acontecimento edição da obra se manteve intocado. É inevitável considerar que por meio da publicação do Curso, um novo paradigma de estudos irrompia, ou seja, por meio desse acontecimento histórico, a linguística moderna passou a ser conhecida. Por conta da publicação do CLG, Saussure foi muito reconhecido pela geração que o sucedeu, considerando-o como “fundador”, “pai” da linguística moderna e grande figura representativa para os estudos linguísticos do século. Além disso, falar da obra de Ferdinand de Saussure, durante anos despertou grandes reflexões sobre um autor que deixou grandes marcas na história e contribuiu com o que ficou conhecido pelas suas famosas dicotomias saussurianas.

Podemos dizer que apesar de o CLG ter alcançado seu apogeu no momento em que a teorização de Saussure atingiu o seu reconhecimento na linguística e motivou outras teorias como a antropologia e a psicanálise nas décadas de 1950, 1960 e 1970, quando a crítica ao



movimento estruturalista e, conseqüentemente, ao seu fundador Saussure, incidiu sobre as chamadas exclusões saussurianas, tais como: a exclusão do referente, da história e do sujeito falante. A partir da última metade do século XX, um discurso sobre a edição começou a se constituir e “De Mauro (1986), Engler (1968), Godel (1969), Culler (1976), Calvet (1975) foram os principais responsáveis por esse trabalho” (SILVEIRA, 2007, p. 20).

Salum, no prefácio à 5ª edição brasileira pela Cultrix, em 1973, coloca a questão sobre a obra fundadora e promove a edição que o constituiu de uma forma interessante:

Entretanto, hoje não se pode deixar de reconhecer que o *Cours* levanta uma série interminável de problemas. Porque, no que toca a eles, Saussure – como Sócrates [...] é recebido de ‘segunda mão’. Conhecemos Sócrates pelo que Xenofonte e Platão escreveram como sendo dele. O primeiro era muito pouco filosófico para entendê-lo, e o segundo, filosófico demais para não ir além dele, ambos distorcendo-o. [...]. Dê-se o mesmo com o *Cours* de Saussure (SALUM, 1973 apud SILVEIRA, 2007, p. 21. *grifos nossos*).

Diante desse cenário e as constantes reflexões trazidas atualmente sobre a figura de Saussure, propomos a seguir uma primeira tentativa de investigação das diferentes designações atribuídas a este estudioso, no cenário brasileiro, considerando, inicialmente, como *corpus* de análise alguns manuais de linguística, produzidos a partir da década de 1960, cuja função era (re)produzir o pensamento saussuriano tal como foi dito no Curso, todavia, de maneira mais simples, clara e objetiva – como acontece no gênero manuais, por exemplo. Ademais, nos basearemos também nos discursos cristalizados, que circulam e são reproduzidos no ambiente acadêmico constantemente, tais como: artigos, introduções, pesquisadores na área etc., que expõe a figura de F. de Saussure e suas contribuições para a linguística. Como esboço de análise, elegemos alguns enunciados produzidos pelo manual “Introdução à Linguística”, volume I de José Luiz Fiorin e “Para Compreender Saussure” de Castelar de Carvalho. Enquanto sujeitos autorizados, produtores desses manuais, produzem diferentes formas de se referir à Saussure. Ancorados da noção de acontecimento de linguagem de Eduardo Guimarães (2005), nosso trabalho fundamenta-se numa teoria de base enunciativa.

Neste artigo, serão compreendidos como acontecimentos as enunciações produzidas nesses manuais de linguística que trazem o nome “Ferdinand de Saussure” e sua importância no campo da Linguística. A escolha deste tema se justifica pela ruptura ocorrida nos estudos

em torno da linguagem no final do século XIX e início do século XX e a relevância de se pensar numa Ciência da Linguagem.

Desta sorte, o presente trabalho pretende analisar como os enunciados que abordam estes acontecimentos e que, são apreendidos no arquivo produzindo diferentes efeitos de sentido, retomam um memorável e apontam para a “verdade” de uma época. Para realizar tal empreitada, serão considerados os discursos produzidos por manuais de linguística e, ainda, o que está cristalizado no meio científico sobre a figura Ferdinand de Saussure e suas teorizações. Do ponto de vista teórico-metodológico, nosso artigo propõe mostrar que há diferentes designações que retomam a figura de Saussure e que cada uma delas, de acordo com o material a ser empregado, adquire um dado efeito de sentido, seja ele, positivo ou negativo, eufórico ou disfórico.

Percebe-se que, empregando a noção de acontecimento de Guimarães (2005), observamos inicialmente, que há dois lugares enunciativos de determinação do nome “Ferdinand de Saussure”² e que eles, empregados de diferentes formas, contribui para qualificar ou determinar a figura do autor genebrino, seja ela em torno de um sujeito comum, aliado ao contexto familiar ou a um sujeito que ocupa um lugar de reconhecido mérito acadêmico, o lugar de professor e mestre. Essas duas formas de analisar o nome “Ferdinand de Saussure” possibilita-nos mostrar que ao ser enunciado, o nome liga-se especificamente à unicidade do sujeito. É por esse viés que nos preocuparemos em analisar no presente artigo, a fim de apresentar possibilidades de gestos de interpretação ancorados na perspectiva teórica em questão, em que serão demonstradas tentativas de análises discursivas baseadas nos postulados deixados por Eduardo Guimarães (2005), considerando os conceitos de acontecimento de linguagem, temporalidade, memorável e a enunciação.

Ferdinand de Saussure e o seu papel na linguística moderna

Ferdinand de Saussure (1857-1913) tem sua importância reconhecida no campo da ciências humanas e da linguística em particular, considerado como um precursor intelectual pouco comum para o contexto do início do século XX, o de fundador da linguística moderna. Assim, podemos dizer que ele é talvez a maior figura representativa no cenário inicial da linguística. Publicou pouco em vida e deixou grandes marcas na história. Se, por exemplo, considerássemos o menor verbete de um dicionário sobre o mestre, poderia ser: linguista

² Doravante, *forma-expressão*.



suíço, especialista em línguas indo-europeias, autor de um livro, que inspirou o estruturalismo, uma escola do pensamento do século XX.

Sua primeira fonte de pesquisa, o Curso de Linguística Geral, obra cuja autoria é bastante polêmica e desperta ainda hoje, nos leitores e estudiosos de Saussure, uma série de hipóteses sobre o desenvolvimento de sua teoria, já que o fator a considerar é que tal produção tem um caráter inacabado. Essa publicação o tornou célebre, graças a forma de sua organização e composição da edição. A obra considerada fundadora da linguística foi construída a partir de cadernos de notas de estudantes, que suscitou interesse e críticas sem que ninguém visse nele um barril de pólvora, isto é, era início dos estudos de uma linguística científica, que promovia mudanças na maneira e no modo dos linguistas pensarem. Podemos dizer que é uma edição em “pedaços” de textos produzidos por alunos que frequentaram os cursos ministrados pelo linguista na Universidade de Genebra.

Assim, o texto introdutório da linguística – CLG – apresentaria algumas noções-chave que podem exercer grande influência e, ao mesmo tempo, gerar grandes controvérsias como, por exemplo, a noção de arbitrariedade dos signos linguísticos; a distinção entre *significante* e *significado* como partes constitutivas dos signos; a dicotomia entre *sincronia* e *diacronia* e oposição entre *langue* e *parole*, conceituações teóricas que devido ao espaço limitado que temos não serão abordadas. Todavia, essa visão geral e resumida da figura de Saussure seria apenas a ponta de um grande iceberg.

Assim, revisitar Ferdinand de Saussure um século após a sua morte é restaurar os conceitos fundadores do paradigma que os uniu em uma genialidade sem precedentes, é buscar revisitar suas conceituações, tidas como grandes reviravoltas na história, trazendo consigo novas possibilidades de (re)interpretar os fatos e restaurá-los de acordo com as novas perspectivas de análise, as novas leituras em torno da obra fundante de Saussure, considerando o prenúncio do que seria inovador e revolucionário anos depois. Ao falarmos do *corpus* dito saussuriano, como, por exemplo: anotações, cartas, leituras críticas, manuais e introduções de linguística, os manuscritos, é trazermos novamente um autor genebrino não antiquado, “embolorado”, mas um Saussure que, de acordo com as novas perspectivas de análise e interpretação, torna-se fruto do presente, fortemente embasado por novas reflexões críticas sobre seu legado. É a partir dessa nova perspectiva de análise que farei minhas considerações, ponderando a figura de Saussure no cenário brasileiro.

Desta forma, rememoramos um momento histórico e muito marcante para a constituição da linguística enquanto ciência. A partir de suas considerações em 1916, e mais

recentemente, novos questionamentos em torno de seus postulados, podemos trazer novas reflexões, novos dizeres sobre o mestre, baseados em novas possibilidades de análise, em que a teoria passa a ser representativa e constantemente revisitada por estudiosos e pesquisadores em linguística, especialmente os brasileiros.

Diante desse panorama de estudos saussurianos, podemos dizer que falar sobre Saussure não é tarefa fácil. Existe um vasto número de fontes de pesquisa que tornaram as teorias do mestre algo muito complexo e que merecem uma atenção especial. Podemos trazer como fontes desde o Curso até as obras escritas e publicadas pelo linguista suíço; fontes manuscritas (publicadas ou não); cartas; anotações de alunos e edições críticas sobre o CLG. Não há como abordar Saussure sem fazer recortes nessa infinidade de textos que falam sobre o mestre de Genebra e que integram no que podemos chamar de um *corpus* dito *saussuriano*.

Semântica da enunciação: um caso designativo

Nesse sentido, o nome “Ferdinand de Saussure” assume uma posição enunciativa de grande relevância nos manuais de linguística e acabam produzindo-se como grandes materiais observacionais. Aliado a isso, a nosso ver, eles são tomados enquanto acontecimentos de linguagem, que se faz pelo funcionamento da língua. Ancoramos nossa análise nos trabalhos desenvolvidos por Guimarães (2005), ao se dedicar ao estudo das designações, como, por exemplo, o nome próprio de pessoa.

Desta forma, segundo o estudioso, para que um acontecimento ocorra é necessário destacar dois elementos que são decisivos para sua realização: a língua e o sujeito na constituição histórica do sentido. Além desses dois elementos, pode-se considerar também a questão da temporalidade dos acontecimentos, que torna-se fator relevante para definir o sentido das *formas-expressões* e propor novas interpretações, novos gestos de leitura. Para tal funcionamento discursivo, é necessário que haja uma materialidade histórica do real, considerando-se não apenas um ser físico, produtor de enunciações, mas um ser que enuncia “afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES, 2005).

Assim, conforme o pesquisador brasileiro, o acontecimento temporaliza, instala sua própria temporalidade e não o sujeito do dizer, que não deve ser tomado como origem do tempo, mas pela temporalidade ao dizer. O sujeito não é o responsável pela temporalização, mas é o próprio acontecimento.

Em virtude disso, a pergunta que se põe então é: o que seria esta temporalidade? Segundo Guimarães, trata-se da representação de um presente que abre em si uma latência de



futuro, sem a qual não há acontecimento de linguagem e nada é significado. Sem essa futuridade, nada há aí de projeção, de interpretável. Todo acontecimento significa porque projeta em si mesmo um futuro. Juntamente com este presente e futuro, próprios do acontecimento, podemos dizer que há um passado que os faz significar, representado como algo memorável. Ou seja, esta latência de futuro, que no acontecimento projeta sentido, o faz significar, pois a enunciação recorta um passado como algo memorável, o recorta diante de um acontecimento histórico marcante, que no nosso caso, refere-se a publicação do Curso de Linguística Geral. Podemos considerar esse passado no acontecimento, uma rememoração de enunciações, que se dá como parte de uma nova temporalização. Segundo o pesquisador,

O acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivibilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (GUIMARÃES, 2005, p. 12).

Ademais, Guimarães (2005), em seu trabalho, preocupa-se em definir o espaço enunciativo. Para ele, este espaço corresponde ao lugar de constituição de línguas e falantes. Esta relação entre línguas e falantes interessa enquanto espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político. Não se pode tomar os falantes como indivíduos que falam esta ou aquela língua, mas sim, falantes determinados pelas línguas que falam, como figuras políticas determinadas por estes espaços como sendo o lugar de funcionamento das línguas, que misturam-se, transformam-se, alteram-se por uma incessante disputa. O falante não é a figura empírica, mas sim política constituída pelos espaços de sua enunciação. Para o estudioso,

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais (GUIMARÃES, 2005, p. 19).

Ainda segundo Guimarães,



O espaço de enunciação é assim decisivo para se tomar a enunciação como uma prática política e não individual ou subjetiva [...]. Falar é assumir a palavra neste espaço dividido de línguas e falantes. É sempre, assim, uma obediência e/ou uma disputa [...]. Enunciar é estar na língua em funcionamento (GUIMARÃES, 2005, p. 22, grifos nossos).

Destarte, na continuidade do que vimos, para assumir a palavra e, com isso, produzir acontecimentos, o pesquisador brasileiro aborda a questão da cena enunciativa, que por sua vez, é uma categoria que determina a posição do Locutor que assume a palavra distribuída pela temporalização do acontecimento. Ou seja, é necessário que se tenha um enunciador, um sujeito que embora não seja a origem do dizer, assumo o lugar que produz enunciações. O estudioso utiliza uma forma específica para tratar o lugar desse enunciador. Para ele, o lugar do Locutor – com maiúscula – representa no próprio dizer como fonte deste dizer, isto é, pode-se considerar como a origem do dizer, mas se situado num lugar social de enunciação, em que é afetado pelos lugares sociais autorizados a falar e produzir discursos. Para esclarecer essa terminologia, o linguista traz como exemplo a figura do Locutor Presidente da República que *Decreta X*³ como falante de língua portuguesa e inserido na língua de legislação do Estado Brasileiro, que não tem o francês, inglês, por exemplo, como a de decreto, a não ser o português. Pode-se notar que pelo exemplo *Decreta X*, o Presidente, diante do cargo e da posição que ocupa, o faz porque alguém se dá a si ser a origem do que *Decreta*, e como presidente, falante de português, ele pode se dar como origem daquilo que *Decreta*, do próprio ato de decretar, predicado por um lugar social.

Este enunciador se difere do locutor genérico – minúscula – que não tem um lugar social determinado. Como exemplos, o estudioso cita os ditados populares e os provérbios, como: “Cachorro que muito late não morde”, “Casa de ferreiro, espeto de pau” etc., que são ditos como aquilo que todos dizem. Um terceiro locutor definido por Guimarães é o universal, cujo enunciador está submetido ao regime de valores como verdadeiro ou falso, certo ou errado. Pode-se dizer que se trata, por exemplo, do discurso da cientificidade.

Trazendo essas teorizações das diferentes formas de locutores para nosso esboço de análise, por um gesto de interpretação, observa-se que do material selecionado, e dos muitos discursos cristalizados que circularam (e ainda circulam) no âmbito acadêmico, a mesma

³ Para mais detalhes que cercam essa análise, conferir a obra *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

definição, ou tentativa, se dá na análise das designações da *forma-expressão* “Ferdinand de Saussure”.

Em primeiro lugar, o Locutor – enquanto lugar social de enunciação – assume a palavra distribuída pela temporalização do acontecimento, isto é, pode-se considerar o sujeito Ferdinand de Saussure como Locutor, enquanto sujeito empírico que produz, em seu tempo, suas teorizações e, com isso, leciona os cursos de linguística geral entre 1907 a 1911 na Universidade de Genebra. Assim, Saussure, enquanto Locutor, deve estar autorizado a falar no interior de uma língua e se expressar de determinado modo.

Ao tratarmos do locutor genérico, considerando o material de nossa análise, pode-se dizer que os locutores dos manuais de linguística, por exemplo, produzem discursos que retomam, reatualizam a figura de Saussure na teoria linguística e que inseridos num lugar social de professores, pesquisadores, são autorizados a enunciar tais teorizações. Nota-se que não é Ferdinand de Saussure quem fala, mas sim, enunciadores de manuais que reproduzem o que foi dito por Saussure algum dia. E por fim, o locutor universal, em que os tais enunciadores estão submetidos ao regime de valores, produzindo discursos que corroboram para o discurso da cientificidade.

Em seu texto, Guimarães observa a relação entre a designação, de um lado, e nomeação e designação e referência, de outro. Ao analisar a designação dos nomes, o linguista analisa como a presença desses nomes no texto predicam produzindo o sentido da designação, como um sujeito único, reconhecido, memorado, como se não existisse outro. Para ele, “o sentido de uma expressão não é construído pelo sentido de suas partes. O sentido é constituído pelo modo de reação de uma expressão com outras expressões do texto” (GUIMARÃES, 2005, p. 28). Ou seja, tratar de Ferdinand de Saussure como grande linguista e fonte brilhante só tem sentido a partir do momento que novas nomeações – “fundador da linguística”, “pai da linguística”, “mestre genebrino”, “linguista suíço” – o determinam e o faz se tornar um ser único, designativo. Assim, o sentido de uma expressão pode ser estudado como seu modo de integração no enunciado no texto. Para o estudioso, “a relação entre designação e nomeação, o que se deve observar é uma relação entre enunciações, entre acontecimentos de linguagem” (GUIMARÃES, 2005, p. 27).

Num acontecimento em que um certo nome funciona, a nomeação é recortada como um memorável referentes a temporalidades específicas, isto é, na forma como Saussure é trazido nos manuais, como “pai da linguística”, “fundador da linguística”, “mestre genebrino”, por exemplo, a forma de nomear a figura F. de Saussure traz um todo de sentido

marcado por um memorável, em que toda história e suas contribuições são lembradas e reatualizadas em um novo acontecimento de linguagem. Também pode-se relacionar a designação e a referência. Neste caso, o que deve-se buscar é como um nome aparece referindo no texto em que ocorre. Desta forma, é importante observar como o nome está relacionado, pela textualidade, com outros nomes que ali estão empregados e funcionando, sob a aparência da substituibilidade. Ao falarmos de Saussure, “fundador da linguística”, “mestre de Genebra”, optamos, de um conjunto de nomeações, por predicá-lo euforicamente, trazendo suas contribuições para o que ficou conhecido como a Linguística moderna. Neste caso, os conjuntos dos modos de se referir organizados em torno de um nome ou formas são um modo de determiná-lo, de predicá-lo.

As múltiplas nominalizações de um Mestre

Para muitos conhecedores de Saussure, é corriqueiro encontrarmos em artigos, introduções, manuais de linguística, por exemplo, nomeações que retomam sua figura promovendo diferentes efeitos de sentidos. Podemos observar que a forma como cada nomeação é atribuída a Saussure, contribui para designações distintas e, conseqüentemente, sentidos distintos. Assim, pode-se encontrar, euforicamente, a nosso ver, as seguintes nomeações: “fundador da linguística moderna”, “pai da linguística”, “mestre de Genebra”, “linguista suíço”, “Saussure”, e disfóricamente, “Saussure diurno”, “Saussure noturno”.

Ademais, Saussure passa a ser reconhecido por suas múltiplas nomeações que, mesmo em diferentes momentos, sempre se voltará para o lugar enunciativo em que sua figura o representa como precursor da teoria linguística. Para ilustrar esse ponto de vista acerca das diferentes nomeações a Saussure, tomemos alguns enunciados, extraídos dos manuais de linguística selecionados que trazem a figura de Ferdinand de Saussure e suas principais contribuições para a linguística do século XX.

“Ferdinand de Saussure é considerado um dos principais fundadores da Linguística moderna” (FIORIN, J. L., 2012).

“*Saussure* afirma que cada posição e jogo corresponde a um estado de língua” (CARVALHO, C., 2012).

“Para o mestre de Genebra, a língua é, antes de tudo, um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (CARVALHO, C., 2012).

“O mestre genebrino acha indispensável que, em Linguística, como em todas as demais ciências, se distinguem os fenômenos de duas maneiras...” (CARVALHO, C., 2012).

“A língua é para Saussure um sistema de signos” (FIORIN, J. L., 2012).

A partir dos excertos anteriores nota-se que a Ferdinand de Saussure outras nominalizações são trazidas. Observa-se que há “Ferdinand de Saussure”, “Saussure”, “Mestre de Genebra”. Aliado a isso, considerando a noção de acontecimento de linguagem de Guimarães (2005), pode-se notar que o presente do acontecimento desses enunciados é o tempo em que o locutor da formulação, locutor-produtor dos manuais, atribui a um certo momento dos estudos linguísticos, como grande teoria que respalda o cenário da linguística enquanto ciência. Mas que, ao mesmo tempo, recorta um passado neste acontecimento, que se apresenta como um rememorado, que faz significar de certo modo e não de outro. Tudo isso, corrobora para sentidos futuros, sentidos capazes de movimentar, incitar novas enunciações.

Segundo Guimarães (2005), o passado não é um antes, mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como latência de futuro. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois é o sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos que faz a língua funcionar. Desta forma, em nossa investigação, não são os sujeitos Castelar de Carvalho ou José Fiorin, por exemplo, que estão dizendo no tempo presente. O sujeito só é sujeito enquanto afetado por outros discursos, a partir de memórias sobre a figura de Ferdinand de Saussure. Assim, esses pesquisadores contribuem para (re)produzir os discursos que já foram ditos no Curso e que trazem a essa nova leitura, significações distintas, empregadas por nominalizações distintas. Nesses caso, podemos dizer que seriam nominalizações positivas, pois, enfatizam a importância de Saussure no cenário da linguística, considerando sua relevância para o desenvolvimento da linguística moderna.

Desta forma, a nosso ver, podemos pensar inicialmente que falar de Ferdinand de Saussure nos manuais sempre será rememorado como “fundador”, “mestre”, “pai” da linguística moderna e essas *formas-expressões* serão retomadas com um pressuposto de futuridade, configurando e corroborando sobre o “lugar” do autor genebrino na linguística.

Quando nos deparamos com as nominalizações “Saussure diurno” e “Saussure noturno”, novas significações também são recuperadas. Ao falarmos de “Saussure diurno”, o das aulas que deram origem ao CLG, estamos tratando de um estudioso que estava

preocupado em lançar as bases teóricas e acadêmicas da linguística, imbuído de um espírito científico lógico e fundador. E o outro Saussure, o noturno, revelado por alguns manuscritos, seria aquele que passava o tempo se dedicando aos anagramas, decifrando as lendas celtas, a história da mitologia. Com isso, podemos observar que a separação em dois Saussure(s) expressa a sua não unicidade, em que encontramos um autor cindido e fragmentado.

Os excertos e mais o imaginário que os materiais na área de linguística constroem sobre Ferdinand de Saussure reverberam sobre sua importância no cenário da linguística e, a partir de cada enunciação, com as diferentes formas de nomeá-lo, referenciá-lo, nota-se as diferentes designações, possibilitando diferentes efeitos de sentidos que ora atribuem uma carga eufórica ora uma carga disfórica. Pode-se observar que a uma única pessoa, constrói-se várias nomeações que considerando cada uma delas, confere sentidos distintos e valor semântico distinto.

Ferdinand de Saussure: um estudo enunciativo

A partir disso, neste artigo, trabalharemos com o funcionamento designativo do nome “Ferdinand de Saussure”, que a caracterizamos como uma *forma-expressão*. Além disso, mobilizaremos os conceitos de acontecimento na Análise do Discurso de orientação francesa para descrever o percurso, a nosso ver, que essa *forma-expressão* adquiriu no âmbito dos estudos linguísticos.

Assim, pensar no nome próprio de pessoa nos coloca diante da relação nome/coisa. É pensar que essa relação pode levar a uma hipótese de unicidade do nome. Segundo Guimarães (2005),

[...] o nome próprio de pessoa é, na nossa sociedade, uma construção em que relações semânticas de determinação constituem o nome, o que já nos afasta de posições estritamente referenciais ou cognitivas no estudo do nome próprio (GUIMARÃES, 2005, p. 35).

Com isso, partimos para nossa leitura pensando na relação da nomeação de um nome único para um objeto único, produzindo diferentes efeitos de sentidos.

Nesse sentido, Guimarães destaca duas formas de analisar os nomes próprios. A primeira delas é a estrutura morfossintática que expressa a relação de determinância entre o nome e o sobrenome, produzindo o efeito de unicidade. Assim, o que se observa é que o nome próprio de pessoa, que é apresentado como um nome único para uma pessoa única, é na verdade uma construção que tal sobrenome determina um nome. Por exemplo, se pensarmos a

forma-expressão “Ferdinand de Saussure”, Saussure determina Ferdinand. Acredita-se que a relação do nome com o sobrenome causa uma determinação interna, ou seja, essa determinação permite-nos dizer (não muito claro como pode parecer) que Ferdinand é de Saussure, pertence à família Saussure. Desta sorte, o funcionamento do nome próprio de pessoa é construído por uma determinação.

A segunda forma de analisar o nome próprio de pessoa, segundo Guimarães é tomar o seu funcionamento semântico-enunciativo, em que podemos encontrar o que chamamos de quatro categorias responsáveis por essa designação de pessoa. Consideraremos, nos textos nos quais se apresentam e nos discursos cristalizados produzidos na área da linguística, as relações do funcionamento designativo do nome próprio Ferdinand de Saussure com as enunciações de nomeação, entendendo esse funcionamento como a constituição de uma unicidade, ou seja, um nome para uma única pessoa. Esse funcionamento se dá num processo de identificação social do que se nomeia e se torna uma questão de “construção” de sujeito, isto é, no processo social de subjetivação.

A primeira categoria proposta por Guimarães (2005) para tratar o funcionamento semântico-enunciativo é considerar o “ato de os pais darem nome a seus filhos” (p. 35). Dar nome a uma pessoa se faz do lugar de paternidade (locutor-pai) que configura um lugar social bem definido. Assim, podemos observar a seguinte *forma-expressão*:

Ferdinand Mongin de Saussure

Em primeiro lugar, temos a ocorrência de um nome próprio como qualquer outro empregado no seio social. Com isso, neste primeiro momento, consideramos um sujeito inserido em sua relação familiar, em que os pais, enquanto responsáveis pela família, têm a obrigação de registrar o filho, dando a ele uma identificação social, uma caracterização social diante de uma sociedade e sua cultura. Desta forma, Henri de Saussure, pai de Ferdinand de Saussure, assume enquanto locutor-pai, o lugar da paternidade.

Entretanto, pela relação familiar, podemos dizer que há um Enunciador-individual, responsável por apagar a constituição do Locutor, enquanto lugar social, que o instala como pai, no seu espaço enunciativo de língua francesa e diante de um cenário de vários ‘Ferdinands’ da época, caracterizou Ferdinand Mongin de Saussure, como filho da família Saussure, colocando-o na relação social como sujeito.

A segunda categoria proposta por Guimarães é pensar o nome na construção e determinação do sobrenome. Se alguém é nomeado Ferdinand de Saussure, o é por uma memorialidade de nomes. Assim, Ferdinand determina Saussure, na medida em que particulariza um de Saussure. ‘De Saussure’ particulariza um ‘Ferdinand’, que não é só este. Pode-se dizer que haviam outros que também se chamavam Ferdinand. Diante dessas duas primeiras categorias, é interessante notarmos que a *forma-expressão* remete-se a um sujeito no ambiente familiar, não conhecido por suas famosas contribuições para o campo linguístico do século XX.

A terceira categoria é pensar os lugares enunciativos. Considerando nosso material de análise e nossa incursão na literatura, a nosso ver, tomando os estudos da designação da *forma-expressão* “Ferdinand de Saussure”, chegamos em dois subitens de classificação dessa categoria, adotando as teorizações de Guimarães. O primeiro deles é pensar o lugar enunciativo familiar, como já explicitado, considerando a nomeação inicial feita do lugar enunciativo da paternidade, por um enunciador individual que o individualiza e o identifica socialmente como cidadão, no interior de um espaço de enunciação da Língua do Estado. Por exemplo:



Figura 1 – ambiente familiar

O segundo item é pensar no lugar enunciativo acadêmico, em que podemos observar Saussure no bojo da vida acadêmica e contribuir com novas reflexões, novos suportes teóricos, em que podemos observar o percurso de construção social do seu nome neste cenário. Neste caso, nos deparamos a nosso ver, com um caso de (re)nominalização.

Inicialmente, podemos dizer que há um processo de designação que se dá para alguém, a partir da enunciação dos pais. A partir do momento em que o nome Ferdinand de Saussure passa do seio familiar para o meio acadêmico temos um caso de (re)nominalização. Esse caso, refere-se ao nome que é dado do lugar do pai e alterado no processo da vida social em que o indivíduo está e acaba por se reduzir, modificar.

Assim, considerar Ferdinand Mongin de Saussure é renomeá-lo como Ferdinand de Saussure, é recoloca-lo em um novo lugar enunciativo, como “pai da linguística”, “fundador da linguística”, “mestre genebrino”. Essa forma de renomear torna-o como único enquanto sujeito. É a partir de outros lugares enunciativos que renomeiam o que se nomeou do lugar do pai. Mas há uma não-unicidade do nome, pois o nome Ferdinand de Saussure não é único, considerando os lugares enunciativos (família *versus* academia). Cada lugar enunciativo leva a diferentes nomeações, caracterizando diferentes formas de designar aquele nome diante do cenário que se insere. Observa-se:



Figura 2 – ambiente acadêmico

Esse percurso social do nome é o que faz com que ele funcione como se fosse uma unidade não construída que tem uma relação unívoca com algum objeto, a pessoa que o nome nomeia. Na medida em que o acontecimento em que fala um enunciador-coletivo ou genérico (enunciadores dos manuais, introduções, e dicionários de linguística, por exemplo) tem como passado a enunciação de um locutor-pai, a unicidade se representa como efeito da temporalidade do acontecimento. Temos uma enunciação segunda sobre a enunciação da paternidade.

Por fim, tomemos a última categoria empregada por Guimarães. A designação deve produzir a unicidade, a inequivocidade da referência. Segundo ele, “a referência resulta do sentido do nome constituído por seu funcionamento no acontecimento enunciativo” (p. 42). Ao observar o funcionamento do nome próprio, podemos dizer que ele recorta um memorável que enquanto passado, na sua temporalidade do acontecimento, relaciona o nome com uma pessoa. O acontecimento é o responsável por nomear, pois ele é o que constitui o próprio passado. Dessa forma, essa unicidade entre o nome e a coisa se dá pelo cruzamento de lugares enunciativos diferentes que levam à diferentes nomeações: vida familiar, vida acadêmica.

Considerações finais

Este texto não tem a pretensão de decidir, antes problematizar sobre as possíveis designações de Ferdinand de Saussure no campo da ciência linguística. Com a conjuntura atual, a partir do que trabalhamos neste artigo, é notável a complexidade de abordar o mito Ferdinand de Saussure, tanto no âmbito de suas teorias quanto apenas se considerarmos o seu nome. Essa tal complexidade, em grande parte, decorre da vasta produção disponíveis para pesquisa que incluem desde o Curso de Linguística Geral até os manuscritos, entrevistas, rascunhos do mestre recentemente descobertos e os discursos que contribuem para (re)atualizar a figura de Saussure.

Defendemos, na esteira de um repetível acadêmico, que o CLG é fonte do pensamento da linguística, seja ela, uma obra inacabada, seja uma obra falha, reconstitui o que era o pensamento do mestre genebrino no início do século XX e sua grande importância como pesquisador. Foi a partir de suas ideias, nessa obra fundadora de uma ciência linguística, que se gerava um corte no curso das ideias linguística da época. Segundo Milner (1987), entendeu-se, através do Curso, o movimento de constituição da Linguística enquanto campo científico, seus axiomas e seus princípios de base.

A referência resulta do sentido do nome constituído por seu funcionamento no acontecimento enunciativo, ou seja, o que ele refere hoje é o que uma nomeação passada (de um locutor-pai) nomeou. Quando um nome próprio funciona, ele recorta um memorável que enquanto passado próprio da temporalidade do acontecimento relaciona um nome a uma pessoa. Isto é, ele significa numa dada enunciação (na sua temporalidade) a partir da sua história de nomeações, renomeações. Nesse sentido, pensamos que não é um nome, nem o sujeito que nomeia ou refere, mas o acontecimento, pois ele está ligado ao seu próprio passado. Neste trabalho, nosso objetivo foi pensar essa relação da língua portuguesa com os seus falantes sobre a utilização da *forma-expressão* “Ferdinand de Saussure” e seus variantes nos usos enunciativos. Podemos considerar que sua obra, grande marco para os estudos linguísticos e fonte inexorável do seu pensamento, é traduzida e rememorada por meio das enunciações de manuais, introduções e dicionários de linguística brasileiros, proporcionando diferentes designações e, conseqüentemente, diferentes sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOUISSAC, Paul. *Saussure: um guia para os perplexos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Carlos A. L. Salum, Ana Lúcia Franco. São Paulo: Editora Cultrix, 1997, p.318.
- _____. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. In: *Revista Letras & Letras*, Uberlândia, 2009, p. 161-175.
- _____. *Benveniste e a representação do sentido: do arbitrário do signo ao objeto extra-linguístico*. Artigo publicado em LINX, 1997, número especial: Émile Benveniste vinte anos depois, p. 107-123.
- CARVALHO, Castelar. *Para compreender Saussure*. 19^o edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FOUCAULT, Michel. [1970]. *A ordem do discurso*. Trad. Laura F. de A. Sampaio. 9^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. Coordenação e organização da tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009. 250 p.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2^a edição, 2005.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor na língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo, SP: Parábola, 2009.
- _____. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. Volume 3. São Paulo: Cortez, 2007 (p.353-392).
- SILVEIRA, Eliane Mara. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.